

ENTRE EROS E THANATOS: RESSABIOS DE MORTE DO SER MELANCÓLICO EM “PSICOLOGIA DE UM VENCIDO”, DE AUGUSTO DOS ANJOS

Flávia Valéria Salviano Serpa¹

RESUMO: Da mitologia grega, Freud se apropria dos nomes de Eros e Thanatos para exemplificar as teorias das pulsões, que explica a formação psíquica de todos os indivíduos. Eros e Thanatos correspondem, conseqüentemente, ao desejo erótico e a atração pela morte, coexistindo simultaneamente. A pulsão de vida equivale a toda a demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar e a realizar projetos enquanto a pulsão de morte obedece à demanda que nos conduz à busca pelo isolamento, pela estagnação e pelos atos de destruição e morte. Nesta perspectiva, o princípio do prazer pode ser entendido como um motor para a pulsão de vida, e age atenuando situações dolorosas, fazendo que o ser humano aja desde o princípio de vida. Porém os indivíduos melancólicos tendem a evocar repetidamente, situações de dor extrema, de modo que se para o indivíduo neurótico o princípio do prazer busca amenizar ou zerar o desprazer, para o psicótico maniaco-depressivo, o princípio de morte cumprirá a mesma função. O pessimismo e a angústia que recobrem toda a escrita de Augusto dos Anjos nos transportam para um lugar de observância das misérias humanas, e é nessa observância que estabelecemos os objetivos para o nosso trabalho. Pretendemos então, desenvolver uma análise crítica do poema “Psicologia de um vencido”, observando os traços melancólicos existentes no poema e como estes traços evocam a pulsão de morte, descrita por Freud.

Palavras-chave: Melancolia. Psicanálise. Teoria das pulsões.

BETWEEN EROS AND THANATOS: WHISPERS OF DEATH INTO THE MELANCHOLIC BEING IN “PSYCHOLOGY OF A LOSER”, BY AUGUSTO DOS ANJOS

ABSTRACT: From Greek mythology, Freud makes use of Eros and Thanatos to exemplify the theories of drives, which explains the psychic formation of all individuals. Eros and Thanatos correspond to the erotic desire and the attraction to death, coexisting simultaneously. The life drive is equivalent to all the internal demand that leads us to seek pleasure, to create and carry out projects, while the death drive obeys the demand that leads us to the search for isolation, stagnation and acts of destruction and death. In this perspective, the pleasure principle can be understood as an engine for the life drive, and acts to mitigate painful situations. However, melancholic individuals tend to repeat situations of extreme pain, so that for the manic-depressive psychotic, the death principle will fulfill a function. The pessimism and anguish that cover all Augusto dos Anjos' writing transport us to a place of observance of human miseries, from whereas we establish the goals for this paper on developing a critical analysis of the poem “Psychology of a loser”, looking forward to finding the melancholic features existing in the poem and how they evoke the death drive, described by Freud.

Keywords: Melancholy. Psychoanalysis. Theory of the drives.



Submetido em: 04 nov. 2019

Aprovado em: 25 nov. 2019

e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL, UFPB). E-mail: fssalvianofs@gmail.com

INTRODUÇÃO

Augusto dos Anjos é, sem sombra de dúvida, um dos poetas brasileiros mais originais. Com seus poemas singulares, permeados de palavras que à simples vista estariam longe de serem poéticas, a sua escrita é ao mesmo tempo uma escrita que choca e encanta. O surpreendente estilo de Augusto dos Anjos marcado por um aparente mau gosto em relação à seleção do vocabulário, escolhido para compor seus poemas, traz o homem para um plano orgânico no qual a tristeza é uma matéria putrefata passível de decomposição.

Para Freud, a melancolia está relacionada com a perda do objeto amado no plano ideal. Esta conceituação nos leva ao entendimento de que o melancólico perdeu algo que não sabe nomear, porém é consciente de sua perda. Na visão de Freud, o melancólico é um indivíduo que insiste em pôr em evidência suas falhas, desmascarando-se, como se o ato de evidenciar os seus defeitos cumprisse a função punitiva para sua existência. Neste sentido, uma das características principais do melancólico é a insatisfação do próprio ego e por isso a autodepreciação é tão constante e recorrente na personalidade melancólica.

Na poesia de Augusto dos Anjos, a melancolia se materializa desde a dimensão cósmica ao plano científico. Em “Psicologia de um vencido”, que é um de seus poemas mais famosos, podemos observar como a dor de existir é trazida ao plano orgânico. E não é por menos que, com este poema, no qual o eu-lírico expressa sua angústia desde uma dimensão cósmica até a miséria da carne em putrefação, que Augusto dos Anjos ganhou epíteto de “Poeta da morte”.

O pessimismo e a angústia que recobrem toda sua escrita nos transportam para um lugar de observância das misérias humanas e é nessa observância que estabelecemos os objetivos para o nosso trabalho. Pretendemos então, desenvolver uma análise crítica do poema Psicologia de um vencido, de Augusto dos Anjos, observando os traços melancólicos existentes no poema e como estes traços evocam a pulsão de morte, descrita por Freud.

Para a elaboração deste estudo, apreciamos como metodologia, etapas que nos encaminham ao modelo de pesquisa bibliográfica, com o qual desenvolvemos a análise do texto literário em questão, orientado sob a luz da Teoria das Pulsões. Para tal estudo, utilizamos os pressupostos teóricos de Freud em relação às pulsão de vida e pulsão de morte, bem como a melancolia e sua relação com esta última.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Afrodite, deusa do amor, da beleza e da sexualidade, responsável pela perpetuação da vida, do prazer e da alegria, uniu-se a Ares, deus da Guerra selvagem, da sede de sangue e da Matança. A paixão entre os dois deuses representa o dualismo entre amor e ódio e dela nasce Eros, um menino alado, munido de arco e flechas de amor que quando disparadas a mortais e imortais lhes outorgam o amor eterno. Afrodite, ao notar que seu filho não cresce, queixa-se a Temis, deusa da prudência, que sabiamente a aconselha, afirmando que Eros não cresce por sentir-se solitário e que ela desse a ele um irmão. Afrodite então tem outro filho ao qual o chama de Antero que posteriormente torna-se conhecido como deus amor mútuo. Depois do nascimento de Antero, Eros começa a crescer, torna-se forte, robusto e de uma beleza inigualável. Sendo filho da deusa do amor e do deus da guerra, Eros além de ser considerado o deus do amor erótico é também considerado a energia que organiza e unifica, de modo que tudo que se encontra em estado caótico, Eros estabelece uma condição cósmica que ordena o espaço.

Nix, filha de Carros é a deusa que personifica a noite, os segredos, os mistérios e astros noturnos. Ora simboliza a beleza da noite, ora, a maldição que castiga com o terror noturno. De Nix nasce Thanatos, deus que personifica a morte. Filho sem pai, Thanatos é representado como um jovem alado de olhos e cabelos prateados, que em uma nuvem prateada arrebatava a vida dos mortais.

Da mitologia grega Freud se apropria dos nomes de Eros e Thanatos para exemplificar as teorias das pulsões, teoria esta que explica a formação psíquica de todos os indivíduos. Assim, Eros e Thanatos correspondem conseqüentemente ao desejo erótico e a atração pela morte. Ambas coexistem de modo que a força da vida e a força da morte equivalem à dualidade formadora dos indivíduos.

Freud, precursor da Psicanálise, desenvolveu teorias a respeito da construção psíquica humana. Para Freud, todos os nossos processos mentais se dão forma encadeada, o que significa que nenhum dos nossos pensamentos ou lembranças acontecem de forma isolada. Existirá sempre um elo que liga os eventos mentais atuais a outros que ocorreram anteriormente. De acordo com Freud (1915a), a vida mental se desenvolve em uma linha contínua, ainda que os indivíduos não estejam conscientes dessa continuidade. Isto porque, é no inconsciente que se armazenam lembranças, experiências ou sensações que por alguma razão foram reprimidas. Deste modo, o inconsciente corresponde à parte mais profunda da

nossa consciência, onde ocorrem processos mentais que nunca foram conscientes e que nunca poderão ser acessados pela consciência, ao menos em situações excepcionais.

No inconsciente também ficam guardadas informações que foram excluídas do consciente e que não podem ser lembradas. Estas informações foram reprimidas ou censuradas porque no processo mental, tais informações foram entendidas como lembranças traumáticas ou experiências incapazes de ser suportadas, de modo que foram enviadas para o inconsciente, e donde permanecerão influenciando, ainda que indiretamente, a vida mental do indivíduo, sem que jamais sejam lembradas novamente. E é também no inconsciente que residem as pulsões que nos direcionam a um determinado fim.

As pulsões foram organizadas por Freud (1915b, 1920) em dois campos, que correspondem à pulsão de vida e à pulsão de morte. Inicialmente ele descreveu uma unidade conhecida como pulsão de vida e acreditava que esta unidade era responsável por explicar grande parte do comportamento humano. Posteriormente ele chegou à conclusão de que só estes instintos de vida não eram capazes de explicar todo o comportamento humano. Freud então observou que todos os instintos se dividem em duas unidades principais; os instintos de vida e os instintos de morte. Os instintos de vida são representados pelo deus grego Eros, o deus do amor. Já os instintos de morte são representados pelo deus da morte Thanatos.

A pulsão de vida equivale a toda demanda interna que nos leva a buscar o prazer, a criar e a realizar projetos. Os instintos de vida também são referidos como os instintos sexuais. São aqueles que lidam com a sobrevivência básica e a reprodução. Esses instintos são importantes para sustentar a vida do indivíduo, bem como a continuação da espécie. Ainda que eles sejam frequentemente chamados de instintos sexuais, nessa unidade também se incluem a necessidade de saciar a sede e a fome, bem como evitar a dor.

Já a pulsão de morte obedece a demanda que nos conduz à busca pelo isolamento, pela estagnação e pelos atos de destruição e morte. Os instintos de morte foram descritos inicialmente em *Além do princípio do prazer*. Nele, Freud (1920) propôs que o objetivo de toda a vida é a morte. Ele observou que após um evento traumático, as pessoas experimentam um desejo inconsciente pela morte, porém, à medida que o tempo vai passando, esse desejo é amplamente atenuado pelos instintos de vida.

Essas pulsões que sustentam a vida, e que evocam a morte, residem em todos os indivíduos, em um conflito permanente que não pode ser resolvido, e a maior parte de nossas ações e de nossos pensamentos são resultantes não só de uma dessas forças, senão que corresponde à combinação das duas pulsões. Nasio (1999) ao debruçar-se sobre os estudos de Freud afirma que:

Freud propõe então reagrupar os movimentos libidinais, que incidem tanto no eu quanto nos objetos sexuais, sob a expressão única pulsões de vida, opondo-a à expressão pulsões de morte. O objetivo das pulsões de vida é a ligação libidinal, isto é, o atamento dos laços, por intermédio da libido, entre nosso psiquismo, nosso corpo, os seres e as coisas. As pulsões de vida tendem a investir tudo libidinalmente e a garantir a coesão das diferentes partes do mundo vivo. Em contrapartida, as pulsões de morte visam o desprendimento da libido dos objetos, seu desligamento e o retorno inelutável do ser vivo à tensão zero, ao estado inorgânico. (NASIO, 1999 p. 69-70).

Tomando como ponto de partida esta afirmação, é possível dizer que tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte têm fontes de energia distintas. A fonte de energia da pulsão de vida é a libido que equivale à energia empregada para a manutenção da vida. A pulsão de morte, assim como a pulsão de vida, também tem uma fonte de energia específica, no entanto não lhe foi dado um nome em particular. É comum que acreditemos que a pulsão de morte se refira exclusivamente aos instintos violentos, no entanto Nasio (1999) esclarece que a pulsão de morte não necessariamente tem uma relação direta com a violência.

No tocante a isso, esclarecemos que a “morte” que rege essas pulsões nem sempre é sinônimo de destruição, guerra ou agressão. As pulsões de morte representam a tendência do ser vivo a encontrar a calma da morte, o repouso e o silêncio. É verdade que podem também estar na origem das mais mortíferas ações, quando a tensão busca aliviar-se no mundo externo. Entretanto, quando as pulsões de morte permanecem dentro de nós, elas são profundamente benéficas e regeneradoras. (NASIO, 1999, p. 70).

Pelo fato de que somos constituídos por estas duas pulsões, há em nós uma tendência natural a transitar entre elas, de modo que sempre que há uma dedicação a construir algo ou a levar adiante um projeto importante; há um emprego de grande parte da libido nesse projeto e enquanto houver o envolvimento e a empolgação com esse projeto, a quantidade de libido empregada nele torna-se indisponível para outros objetivos. Isso não quer dizer que nada mais seja importante na vida desse indivíduo, visto que é possível empregar diferentes níveis de libido para diferentes objetivos. Porém, quanto mais interesse em determinado projeto, maiores níveis de energia estão sendo investidos nele. Por essa razão, em situações de luto, nas quais a pessoa enlutada perde completamente o interesse por suas ocupações normais, observa-se uma retirada de libido dessas atividades para uma aplicação extrema de libido na pessoa que foi perdida. Assim, em momentos positivos experimentamos com maior intensidade os efeitos da pulsão de vida, enquanto que a medida que atravessamos momentos

dolorosos ou traumáticos, se aciona mecanismos da pulsão de morte. Ambos tentam estabelecer um equilíbrio.

Para além de sua diferença, tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte visam restabelecer um estado anterior no tempo. Seja a pulsão de vida, que, ligando os seres e as coisas, aumenta a tensão, seja a pulsão de morte, que aspira à calma e ao retorno a zero, ambas tendem a reproduzir e a repetir uma situação passada, quer tenha sido agradável ou desagradável, prazerosa ou desprazerosa, serena ou agitada. (NASIO, 1999, 70-71).

Considerando esta dinâmica, numa estrutura normal de luto, observa-se que os instintos de morte, de destruição bem como o investimento de energia no próprio luto vão aos poucos sendo substituídos pelos instintos de vida e gradualmente ocorrerá o investimento de energia em novas atividades. No entanto, em um processo patológico, em lugar de ocorrer uma passagem da pulsão de morte para a pulsão de vida, ocorre um investimento no desejo de repetição da dor.

Em suma, o novo conceito introduzido por Freud com a segunda teoria das pulsões foi o da compulsão à repetição no tempo. A exigência de repetir o passado doloroso é mais forte do que a busca do prazer no acontecimento futuro. A compulsão a repetir é uma pulsão primária e fundamental, a pulsão das pulsões; já não se trata de um princípio que orienta, mas de uma tendência que exige voltar atrás para reencontrar aquilo que já aconteceu. (NASIO, 1999, p. 71).

2 ANÁLISE E DISCUSSÕES

O *princípio do prazer* pressupõe uma busca pelo prazer que corresponde a uma tendência em buscar atenuações para situações desagradáveis. Já o *princípio de realidade* inibe os prazeres entendidos como perigosos, o que implica no deslocamento desses prazeres para o inconsciente. O princípio do prazer pode ser entendido como um motor para a punção de vida, ou seja, a busca por atenuações das situações dolorosas nas quais o ser humano tende a agir desde o princípio de vida, no entanto, há indivíduos que evocam repetidamente, situações de dor extrema. Freud (1920) caracteriza este comportamento como uma instância para além do princípio do prazer, assinalando uma neurose, ou seja, um desejo de repetição da dor, que por sua vez vai implicar no princípio de morte.

O desejo ativo do passado, mesmo que o passado tenha sido ruim para o eu, explica-se por essa compulsão a retomar o que não foi concluído, com vontade de completá-lo. [...] Por isso, a compulsão à repetição seria o desejo de retornar ao passado e rematar, sem entraves e sem desvios, a ação que

ficara em suspenso, como se as pulsões inconscientes nunca se resignassem a ser condenadas ao recalçamento. (NASIO, 1999, 72).

Neste contexto, o melancólico apresenta um comportamento no qual há uma permanente evocação da dor. Ele não é apenas um indivíduo que perdeu seu objeto de amor, mas um indivíduo marcado por uma sucessão de perdas. Por esta razão pode-se dizer que o melancólico é um cemitério de interioridades mortas. Um acontecimento doloroso para o melancólico é um detonante de outras dores passadas que evocam uma falta do objeto, falta esta que não pode ser preenchida, já que na melancolia há uma questão narcísica na qual o melancólico é o próprio objeto. Mendes (2014) ao retomar os pressupostos teóricos de Kehl afirma que:

A desesperança no melancólico está relacionada com o fato de o Outro, em sua primeira versão imaginária (materna), não ter conferido ao recém-nascido um lugar em seu desejo. Assim, o melancólico ficou preso num tempo morto, no qual o Outro deveria ter comparecido, mas não compareceu. (MENDES, 2014, p. 428).

Deste modo o indivíduo melancólico se vê preso em um ciclo de repetição. O melancólico ao estar estagnado na pulsão de morte, não consegue encontrar alguma satisfação ao longo de sua vida. Se para o indivíduo neurótico o princípio do prazer busca amenizar ou zerar o desprazer, de acordo com a dinâmica do melancólico, o princípio de morte cumprirá a mesma função.

Por conseguinte, podemos afirmar que a compulsão a repetir no tempo é ainda mais irresistível que a de buscar o prazer. A tendência conservadora – a de voltar atrás – própria às pulsões de vida e de morte prevalece sobre a outra tendência, igualmente conservadora, regida pelo princípio de prazer – a de reencontrar um estado sem tensão. Por isso, Freud considerou a compulsão à repetição como uma força que ultrapassa os limites do princípio de prazer, que vai além da busca do prazer. Não obstante, o par de pulsões de vida e de morte continua a ser regido pela ação conjunta desses dois princípios fundamentais do funcionamento mental: encontrar o passado e encontrar o prazer. (NASIO, 1999, p. 71-72).

A melancolia é essa dor constante que está adormecida em algum lugar perdido no mais íntimo do ser. É uma dor aguda, certa que passa muito tempo submersa, mas de repente um gatilho qualquer como uma palavra que mina o terreno como explosivo mortífero, um gesto que nos faz retornar às dores vividas, as dores primeiras, a dor do existir. O melancólico sofre e sabe que sofre. Sofre porque perdeu aquilo que o iluminava, perdeu o seu

objeto de desejo, aquilo que tanto atesourava. O melancólico sofre porque sabe da ameaça da perda, sofre porque os outros são essa ameaça.

Os outros são este grande ser que rouba o seu objeto de amor, o seu tesouro. O mundo exterior é este grande outro ameaçador que lhe modifica, que lhe faz reviver todas as perdas de todos os seus tesouros. O mundo é para o melancólico um grande ladrão que leva embora à surdina aquilo que lhe mantinha de pé. O melancólico sofre, não porque perdeu algum bem material como o carro, a casa ou cônjuge. Ele sofre porque, ainda que inconscientemente, sabe que uma vez que lhe tirem seu objeto de amor, jamais voltará a ser como antes.

O melancólico sofre não porque seu cônjuge se foi, mas porque nunca mais poderá ser a simbiose emocional com este outro. O objeto de amor do melancólico é aquilo que o mantém ligado ao externo, porém, este mesmo mundo externo empurra-o ao sofrimento, o ameaça. O melancólico padece da pior dor, ele padece da nostalgia, da dor da volta. Da volta de todas as dores, da volta a todas as perdas, da volta à dor que o expulsou do Oceano, do paraíso. A nostalgia é este barco que leva o melancólico de volta àquilo que foi irremediavelmente perdido, por isso melancólico é incapaz de substituir seu objeto de amor perdido e retoma para si a imagem desse objeto perdido, porque não há como haver uma substituição para essa perda primeira, essa perda primitiva que marcou irremediavelmente o seu ser.

O melancólico caminha sobre a corda bamba. O desejo de morte o compõe, os instintos de morte são esse fio condutor que o conecta constantemente com destruição. A nostalgia também é esse retorno à morte, a destruição, ao despedaçamento de si. O meio exterior lhe conduz a esta aniquilação de sua existência. O melancólico é um ser entregue ao desamparo. Esse olhar que não o atravessou, que não o viu, que não o reconheceu em seus primeiros anos, converteu-se em seu viver posterior, em seu verdugo, em uma entidade destrutiva que o despedaça.

É possível fazer uma leitura psicanalítica do poema “Psicologia de um vencido”, de Augusto dos Anjos, tomando como base teórica a Teoria das pulsões, ou seja, a teoria de pulsão de vida e pulsão de morte, de Freud. Para a nossa análise, consideramos os traços melancólicos que dão indícios para que trabalhemos a pulsão de morte na composição literária desta obra. No poema é notável como os traços da pulsão de morte são presentes e constituintes do eu-lírico. Mendes ao relacionar o comportamento melancólico com a pulsão de morte menciona que:

O sentimento de culpa e o desejo de punição presentes na melancolia estão associados a ambivalência de sentimentos vivenciados em relação as figuras parentais ainda no decorrer do complexo de Édipo. O indivíduo desejou a morte da figura parental por isso ele se culpa. O melancólico é atacado pelo seu próprio supereu. O eu do melancólico é extremamente auto-crítico, ele se julga o pior dos seres humanos e se condena a morte. Humilha-se diante de todos, colocando-se como uma pessoa indigna. Ao delírio de inferioridade, junta insônia, a inapetência e as pulsões de autodestruição. As autoacusações do melancólico têm um sentido; revelam o seu estado patológico e o predomínio da pulsão de morte. (MENDES, 2014, p. 427).

O universo do melancólico é pantanoso, é obscuro. O homem é dor e a dor é da natureza humana. A natureza humana é melancólica e temos em nós com maior ou menor proporção, certo grau de melancolia. De acordo com o pensamento tradicional, a melancolia é um dos quatro temperamentos, um dos modos de ser da existência, como nos sentimos e como nos relacionamos com o mundo.

A melancolia é uma observância sobre a existência e Augusto dos Anjos é exímio em fazer poesia com aquilo que é a observância sobre a existência. Nota-se como o escritor emprega em seu poema a figura do melancólico como aquele que enxerga o mundo à distância, numa sofrida tentativa de encontrar sentido nas coisas. Na obra analisada o eu-lírico melancólico se vê entre dualidades: se a lucidez o acompanha, o sentimento de que nada vale à pena o paralisa. Quando tomamos cada estrofe como objeto de análise é possível observar como os traços melancólicos que retomam a pulsão de morte são colocados em evidência.

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
(ANJOS, 1912, p. 14).

Nessa primeira estrofe observamos de maneira bem clara e expressa a presença da melancolia que se distribui desde a origem do eu lírico. Este eu lírico implica em sua composição orgânica o pessimismo, a destruição, bem como uma atração que o empurra a tragédia. Mendes ao descrever o comportamento melancólico constata que:

O comportamento do melancólico, as suas autoacusações, a depreciação do sentimento de si, a sua desvalorização e sua expectativa de punição nos levam a afirmar que, o que se perdeu para o melancólico foi o próprio eu. O eu foi destruído pelo objeto amado/odiado: “a sombra do objeto caiu sobre o Eu”, [como afirmou Freud (1917)] [...]. Assim, a melancolia coloca em evidência a pulsão de morte por meio de um ideal cruel doeu a ponto de assassinar o sujeito. (MENDES, 2014, p. 427).

O autor ao utilizar elementos que nos remete à composição orgânica dos seres, nos leva ao entendimento de que a melancolia está na composição estrutural do eu-lírico. No primeiro verso, o autor utiliza o elemento carbono, que de acordo com a sua nomenclatura vem do latim *carbo*, que significa carvão, e que, por sua vez, nos remete ao carvão bruto e sem valor, contrário ao diamante. O carbono também é um dos elementos mais presentes nos seres vivos. Neste mesmo verso há a presença elemento amoníaco, que é um químico empregado como solvente. Tomando como pontos de análise estes dois elementos, o eu-lírico se compõe e se põe, como um ser formado por um elemento que é comum a todos os seres vivos, ao mesmo tempo que é composto por um elemento corrosivo e tóxico, por sua vez destrutivo.

No segundo verso, o autor emprega contradições na composição poética. Quando o eu-lírico se afirma como um monstro de escuridão e rutilância, ele se declara como um ser disforme, contrário à natureza, composto de escuridão, e rutilância, que nos remete ao brilho e à luminosidade. Podemos então, verificar uma antítese, já que deste modo o eu-lírico se declara um ser contrário à própria natureza, composto pela ambivalência entre luz e escuridão.

Nesse aspecto, podemos fazer um recorte no qual se verifica a pulsão de vida e a pulsão de morte, como dualidade inerente a todos os seres vivos. Já no terceiro e quarto verso quando o eu-lírico afirma que sofre desde a epigênese da infância, a influência má dos signos do zodíaco, notamos como esse eu-lírico se declara condenado à tragédia do destino desde que era apenas um embrião.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia,
Que se escapa da boca de um cardíaco.
(ANJOS, 1912, p. 14).

Quando o eu-lírico se declara profundissimamente hipocondríaco, retoma uma focalização compulsiva do pensamento e das preocupações sobre o próprio estado de saúde, e que frequentemente está acompanhada de sintomas que não podem ser atribuídos a nenhuma doença orgânica. Essa passagem reafirma a compulsão pelo desejo de morte. Essa tendência à destruição marca a característica própria dos instintos de morte.

No segundo verso, o eu-lírico afirma como se sente desconforme com o ambiente. Podemos tomar este verso como base comparativa em relação à posição melancólica diante do mundo. O melancólico é um indivíduo que está em conflito com o meio, ele vive em um tempo particular que não é sincrônico. O melancólico está sempre fora do lugar.

O autor também emprega no sexto verso a palavra “ânsia” que concorda com a palavra “repugnância”, tendo em vista que a ânsia é a manifestação física provocada pela contração do epigástrico, manifestação esta, que ocorre devido ao nojo ou à repugnância. E ao mesmo tempo a palavra “ânsia” é associada a palavra “cardíaco”, já que ela também é entendida como uma sensação de desconforto físico causada por uma pressão no na região peitoral. O eu-lírico se põe em um lugar de quase morte como se este ambiente, no qual ele habita, lhe causasse uma sensação de tamanho desprazer que termina por provocar-lhe uma sensação semelhante ao processo de um infarto.

Já o verme – este operário de ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, a à vida, em geral, declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!
(ANJOS, 1912, p. 14).

No primeiro terceto do poema verificamos como o autor emprega no eu-lírico elementos que remetem à destruição, como a palavra “verme” que é um decompositor; e também retorna à palavra “carnificina” que pode ser associada à consequência de uma guerra, como grandes massacres e chacinas, extermínios e matanças, e também direciona o poema a uma aniquilação do indivíduo aos instintos de morte. No segundo terceto o eu-lírico retoma a destruição para si e o processo de aniquilação como o próprio fim da existência do ser humano.

CONCLUSÃO

Através dos mecanismos metodológicos de pesquisa bibliográfica, os quais possibilitaram a análise da obra literária selecionada com base na teoria das pulsões de Freud, foi possível fazer uma leitura psicanalítica do poema “Psicologia de um vencido”, de Augusto dos Anjos. Em nossa análise, observamos como o autor empregou no poema traços melancólicos, traços estes que estão dispostos não apenas em uma estrofe, mas ao longo de todo poema. É importante ressaltar que estes traços melancólicos possuem em si aspectos que retratam a pulsão de morte. Em nosso estudo foi possível observar o quanto ambas, pulsão de morte e melancolia se complementam para integrar a obra. Concluimos, por fim, que observar esta composição literária através do olhar da psicanálise nos leva para além da análise

literária, e nos dá, em realidade, a capacidade de refletir sobre aspectos comuns à subjetividade humana. Ao retomar a própria noção de melancolia, se torna impossível pensar no ser melancólico sem considerar o que há de poético em sua existência. Como a própria poesia de Augustos dos Anjos reflete a imagem do melancólico através da arte e do nefasto, retomo palavras utilizadas anteriormente em nossa análise no que diz respeito à descrição da melancolia como esta observância sobre a existência: analisar a obra literária desde o viés da psicanálise é desenvolver também esta capacidade de observância sobre a existência.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Rio de Janeiro: s.n., 1912.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a [1920]. p. 11-76. (v. XVIII; Além do princípio do prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)).

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b [1917]. p. 243-266. (v. XIV; A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)).

FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996c [1915a]. p. 163-222. (v. XIV; A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)).

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996d [1915b]. p. 115-144. (v. XIV; A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)).

MENDES, Elzilaine Domingues. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. *Revista Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 30, n. 4, p. 423-431, 2014.

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.